

# Dr. David DeSilva, Sobre o Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 3, Mecenato e Reciprocidade

© 2024 David DeSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 3, Mecenato e Reciprocidade.

Nesta sessão, examinaremos de perto a instituição social do mecenato e o espírito da reciprocidade que foi a base da cultura mediterrânea do primeiro século.

Na América, se você ouvir isso, não é o que você sabe. É quem você conhece, geralmente no contexto de alguém que expressa um sentimento de injustiça, de ter sido espancado por alguma coisa porque outra pessoa tinha uma conexão pessoal que lhe deu vantagem para atingir um determinado objetivo. Tendemos a operar com uma abordagem muito mais impessoal e não relacional para conseguir o que queremos ou precisamos. Por exemplo, a procura de emprego tende a ser um processo de candidatura bastante impessoal, pelo menos até certo ponto.

Quando precisamos de um objeto, nosso primeiro impulso é ir às lojas, à Amazon.com ou a qualquer outra coisa para conseguir o que precisamos. Mesmo que atualmente não tenhamos recursos para algo, por exemplo, construir uma casa, comprar uma casa ou iniciar um negócio, tendemos a recorrer a uma agência impessoal em busca de dinheiro, a um banco, a uma cooperativa de crédito ou algo parecido. Se ocorrer um desastre, tendemos a confiar no seguro para fornecer os recursos necessários para a recuperação.

O primeiro século do mundo mediterrâneo foi um mundo à parte de tudo isto. Lá, para muitas necessidades além da comida no mercado, para muitas necessidades, seu recurso de primeira ordem é uma pessoa que possa lhe conceder o que você precisa. Um relacionamento, outra pessoa que tivesse o que você precisava, era o principal meio de acesso baseado no valor ou na virtude da generosidade e no valor da gratidão.

Tudo isso está ancorado na virtude da justiça. Voltamos novamente a Sêneca, nosso informante do século I, que, em seu livro Sobre Benefícios, é realmente uma maravilhosa introdução em primeira mão ao clientelismo, à amizade e ao ethos que rege esses relacionamentos. Voltamos para Sêneca, que escreve que dar e receber favores é a prática que constitui o principal vínculo da sociedade humana.

É a cola que mantém a sociedade unida. É a principal trama do tecido social. Sim, há um mercado em todas as grandes cidades, e provavelmente em uma vila, onde você vai comprar peixe, vegetais, pão e coisas assim.

Existem artesãos e artesãos de quem você compra produtos, mas há um lugar muito maior para assistência pessoal na vida diária no mundo antigo do que tendemos a esperar ou procurar no mundo ocidental moderno. Assim, um patrono, alguém que tem mais recursos do que eu, pode fornecer dinheiro, ou grãos em tempos de escassez, ou emprego quando eu estiver procurando por isso, ou uma doação de terras, ou algo assim. Eu iria até alguém de posses e pediria tal favor.

Eu poderia abordar outra pessoa, não porque ela tenha o que preciso, mas porque tem acesso à pessoa que tem o que preciso. Eu procuraria um relacionamento pessoal como meio de avanço profissional ou social, em vez de postar um pedido de emprego em romanforum.com ou algo parecido. Então, tem clientela que atende, e tem cliente, quem recebe assistência, se coloca nessa posição de cliente, e além de receber assistência de qualquer forma, o cliente também aceita a obrigação de agradecimento, a obrigação de divulgar o favor concedido e divulgar a sua gratidão por isso, construindo assim a reputação do patrono.

Um cliente também demonstraria gratidão ao demonstrar lealdade a um determinado cliente. Os clientes de uma cidade jogavam seus próprios jogos. Faziam seus jogos políticos, buscando ascensão uns sobre os outros, buscando ocupar cargos na cidade, para avançar em cargos.

Os clientes apoiariam os seus clientes, portanto, reunir um grande número de clientes através de generosidade, ajuda e assistência também era uma forma de aumentar a base de poder de alguém. Eu, como cliente, defenderia os interesses do meu patrono na medida do possível. Um cliente normalmente, uma vez que não poderia devolver um presente em espécie a um patrono, muitas vezes prestaria serviços para o patrono.

Na verdade, é meio estereotipado, mas a cena de abertura de O Poderoso Chefão ainda é provavelmente a melhor introdução, e, afinal, se passa em um contexto mediterrâneo, embora uma cena moderna seja a melhor introdução ao patrocínio. Um patrono reúne uma clientela, e um patrono tem o poder de atender todos os tipos de solicitações, e se acontecer de você ser chamado para realizar um serviço, você se lembrará deste dia. Isso realmente resume muito bem o ethos antigo.

Nunca poderei reembolsar um patrono pela concessão de terras ou por salvar minha família de uma colheita ruim que fracassou, mas posso prestar alguns serviços para ele quando for chamado a fazê-lo. Falamos sobre clientes, falamos sobre clientes e também mencionei que o maior presente de um cliente pode ser o acesso a outro cliente. Uma pessoa com quem posso estar conectado pode não ter o que preciso, mas essa pessoa pode ter um amigo que tem o que preciso e, portanto, também podemos falar sobre esse primeiro cliente como um mediador, como um corretor, para usar mais termo moderno para isso.

Alguém que é capaz de conectar um cliente com outra pessoa que tenha o que esse cliente precisa. Há um bom testemunho desse tipo de pessoa no drama de Sófocles, Édipo Rei. Cunhado, tio, sogro de Édipo, é tudo muito complicado por causa da história de Édipo, mas Creonte, que é irmão da esposa e da mãe de Édipo, alerta de spoiler, diz que sua base de poder não é o que ele mesmo pode fornecer por si só, mas o fato de ter os ouvidos do rei Édipo.

Então, ele escreve, sou bem-vindo em todos os lugares. Todos me saúdam, e aqueles que desejam o seu favor procuram meus ouvidos, pois sei administrar o que pedem se lermos as cartas dos romanos Plínio ou Cícero, Plínio, que foi senador e finalmente se tornou governador das províncias de Bitínia e Ponto no que hoje é a região norte da Turquia.

Cícero, claro, é um estadista famoso do período pré-imperial, o período republicano, e encontraríamos muitos, muitos exemplos de corretagem em ação. Por exemplo, Plínio, como governador da Bitínia e do Ponto, pode oferecer muitos dons, serviços e oportunidades de progresso às pessoas da província, mas também tem um dom que quase ninguém mais tem na província. Ele tem o dom de acesso ao próprio imperador Trajano.

Então, na verdade, muitas das coisas pelas quais Plínio é procurado são coisas que só Trajano pode conceder. Por exemplo, o dom da cidadania romana para a fiel massagista de Plínio, coisas assim. Então, na verdade, o poder de Plínio como patrono vem de sua capacidade de mediar as dádivas de um patrono ainda maior.

Agora, já falamos até agora; Falei até agora sobre clientelismo e clientelismo em termos de desigualdade social. O patrono é a pessoa poderosa, quanto mais rica e com melhores recursos. O cliente é, obviamente, o inferior social, político e econômico.

Mas este tipo de dinâmica também existia entre iguais sociais. Plínio e uma pessoa como Plínio, outro governador de outra província, poderiam ajudar um ao outro. Um não se tornaria patrono do outro, um não seria humilhado para se tornar cliente do outro, mas eles se considerariam amigos.

A linguagem da amizade no primeiro século é em grande parte a linguagem do patrocínio entre iguais, entre iguais sociais. Você pode pensar na história da narrativa da paixão de Pilatos e Herodes Antipas porque Pilatos mostra uma cortesia a Herodes Antipas no meio dessa narrativa da paixão, oferecendo a Herodes a oportunidade de julgar o caso deste Jesus. Pilatos e Herodes tornaram-se amigos naquele dia.

Isso não significa que eles se tornaram tão amigos, pois de repente passaram de uma relação de rivalidade para uma relação em que começariam a mostrar favores um ao

outro. Eles faziam favores um ao outro e cuidariam dos interesses um do outro. Nenhum deles era realmente inferior ou superior ao outro, embora provavelmente alguém pudesse argumentar esse ponto se fosse Herodes Antipas.

Bem, Pilatos também teria a sua reivindicação. Mas eles eram essencialmente iguais políticos e, a partir de então, prestavam favores uns aos outros. O patrocínio, a reciprocidade e a amizade não importam apenas para a elite no mundo do primeiro século, nem eram apenas relações que poderiam ligar as elites às não-elites.

Também se encontram evidências deste mesmo tipo de sistema, do mesmo ethos entre a população rural, entre a classe agrária, que remonta a Hesíodo, creio que um autor grego do século VI aC. Em suas Obras e Dias, que trata muito da vida agrária comum do povo grego, ele dá conselhos sobre como participar da troca de favores, serviços e presentes em uma aldeia camponesa. Tome medidas justas com o seu vizinho e pague-lhe de forma justa com a mesma medida ou melhor, se puder, para que, se mais tarde precisar, você possa encontrá-lo seguro.

O que Hesíodo está observando é a disposição do vizinho A em ajudar o vizinho B; Não tenho sementes para semear a minha próxima colheita; você pode me ajudar? E então a sabedoria do vizinho B, certificando-se de retribuir e mais ao vizinho A, de modo que se o vizinho B voltar a precisar, ele se estabeleceu como um cliente honrado é uma palavra errada, mas um vizinho honrado, um amigo honrado. Alguém que retribuiria os favores ou os presentes dados, mesmo com melhores medidas em troca. Este tipo de ethos continua a ser observado nas aldeias agrárias mediterrâneas modernas, onde a troca de favores é essencial, e não retribuir um favor resulta na eventual exclusão de redes de favores e, portanto, num certo sentido, no fracasso social para si e para a sua família. , já que em algum momento alguém sempre precisaria de ajuda.

Deveríamos observar a diferença entre benefício público e patrocínio pessoal no mundo antigo. Se você visitasse praticamente qualquer sítio arqueológico ou museu no Mediterrâneo, encontraria uma série de inscrições testemunhando que algum membro rico da cidade, ou um membro rico de outra cidade, deu algum presente ao público, seja o presente de patrocinar jogos a cada quatro anos, ou a doação de um festival às suas próprias custas, ou a doação de um templo, ou a doação de uma calçada, ou de uma fonte, ou algo assim. As pessoas de posses estavam dispostas a dar ao público e assim aumentar a sua reputação, tendo um monumento que sempre testemunhará, algum monumento normalmente funcional que sempre testemunhará a sua generosidade.

E inscrições, e provavelmente na época, algum tipo de reconhecimento público do fato de que esse presente havia sido dado. Mas ao fazê-lo, esse benfeitor, esse benfeitor público, não criou subitamente uma rede de relações com todos na cidade.

Não, foi um presente para todos em geral e, portanto, um presente para ninguém em particular.

E assim, o público como um todo expressaria agradecimento e honra, mas nenhum efésio em particular se sentiria, portanto, em dívida com Máximo pela nova fonte. Estou inventando isso. Na verdade, você não encontrará uma fonte para Máximo em Éfeso.

É muito diferente quando o patrocínio ou a amizade acontecem individualmente. Quando um residente de uma cidade pede um favor a uma pessoa mais rica da cidade, esse ato de responder e dar algo ao petitioner pode criar um relacionamento de longo prazo. Porque não estou dando apenas uma vez.

Estou dando a uma pessoa que, se for virtuosa, continuará a agir de maneira a promover meus interesses. Ele, geralmente ele, às vezes ela, mas geralmente ele, ele me retribuirá de maneiras diferentes das que eu dei, mas ainda assim estará retribuindo o favor. E, portanto, ele estará em condições de me pedir algo novamente.

E se ele tiver sido um bom destinatário, não estarei em condições de recusar. Porque eu dei, ele demonstrou gratidão, eu deveria dar de novo. E ele continuará a promover meus interesses, e assim por diante.

Portanto, esse ato inicial de doação poderia muito bem iniciar um relacionamento para toda a vida. E ler alguns autores, como Ben Sirah ou o autor da coleção, *To Demonicus*. É uma homenagem a Isócrates, um orador e orador grego do século IV, mas provavelmente é um pseudônimo.

Ao ler essas coleções de conselhos, temos a sensação de que poderíamos herdar as amizades do pai. O filho deveria retribuir as gentilezas demonstradas ao pai para que pudéssemos até ter laços de amizade entre gerações, ou patrocínio e clientela, entre as pessoas.

Como resultado, diz Sêneca, terei muito cuidado antes de dar ou receber um favor. Preciso ter muita certeza de que se trata de alguém com quem potencialmente quero me relacionar por um longo prazo em um relacionamento como esse. Agora, pode não ser nenhuma surpresa que as pessoas no mundo antigo conceituassem seu relacionamento com os deuses.

Ou, no caso do povo judeu, com Deus, nos moldes do patrocínio e da clientela. Este se tornou o principal modelo para falar sobre os deuses. Eles dão presentes melhores, maiores e mais importantes do que quase qualquer benfeitor humano.

E devemos aos deuses, portanto, toda a honra que pudermos dar-lhes. A adoração que oferecemos no templo é uma oferta contínua de gratidão aos deuses pelas suas dádivas. A corretagem, a mediadora, torna-se o modelo para o sacerdócio em muitos ambientes gregos e romanos, bem como em ambientes judaicos e cristãos.

Na verdade, a palavra latina para sacerdote é bastante reveladora a este respeito. É pontifex, uma palavra que vem das palavras que significam ponte, pontus e o criador de algo. Assim, um padre é chamado literalmente de construtor de pontes.

Ele ou ela conecta as pessoas com os deuses e os deuses com as pessoas e ajuda a dialogar sobre o relacionamento entre os dois, de modo que as petições sejam enviadas a um e os sacrifícios sejam devolvidos a aquele, que então, em troca, esbanja presentes aos adoradores. Estas fronteiras entre os patronos divinos e os patronos humanos poderiam tornar-se confusas no mundo antigo. O fenômeno do culto ao imperador no mundo romano, especialmente na metade oriental do Mediterrâneo, mostra-nos em ação.

Porém, mesmo antes disso, aos generais que libertavam uma cidade era possível oferecer adoração, como expressão de gratidão. Demétrio Poliorcetes foi um general que salvou Atenas de ficar sob o poder de um agressor. Numa inscrição a Demétrio, o culto, um culto a Demétrio, é estabelecido em Atenas porque ele deu aos deuses os presentes pelos quais os atenienses rezavam.

Na inscrição, lemos, outras divindades estão distantes ou não têm ouvidos, ou não existem, ou não se importam conosco. Mas você, como vemos aqui, está presente, não moldado por pedra ou madeira, mas na realidade. E então, a você, oramos, primeiro traga-nos a paz, pois você possui o poder.

Avançamos três séculos até a ascensão de Augusto. Contemporâneo de Herodes, o Grande, na verdade amigo pessoal de Herodes, o Grande, Nicolau de Damasco, historiador da época, escreve desta forma sobre o nascimento do culto de Augusto. Todas as pessoas ao redor do Mediterrâneo se dirigem a ele assim, como Augusto, de acordo com a avaliação que fazem de sua honra, reverenciando-o com templos e sacrifícios em ilhas e continentes, organizados em cidades e províncias, correspondendo à grandeza de sua virtude, e retribuindo seus benefícios para com ele. eles.

A implicação de tudo isso é que Augusto deu ao mundo mediterrâneo presentes dignos dos deuses. Ele é creditado por ter trazido a paz ao final, essencialmente, de uma geração de guerras civis. Não importa o fato de que ele era responsável por eles, assim como seu pai adotivo, Júlio César.

Mas ele trouxe-lhes uma conclusão bem sucedida e assim restaurou a estabilidade, a segurança e a prosperidade em toda a região do Mediterrâneo. Em resposta a isso,

porque seus dons eram tão grandes, a resposta de gratidão tinha que corresponder. E assim, em algo que deve ser atribuído até certo ponto à bajulação, as pessoas em todo o Mediterrâneo, especialmente na metade oriental, recorreram a formas de culto como forma de dizer: isto é o quanto estimamos o seu favor, os dons que você tem. dado e continuará a nos dar.

Dito isto, e continuará a nos dar, lembro-me do fato de que muitas pessoas pensam na religião greco-romana em termos da expressão latina, do ut des. Eu dou para que você possa dar. E assim, muitas vezes é feita a distinção entre a religião greco-romana e a religião judaica ou cristã, que a primeira dá para estimular os deuses a atenderem algum pedido, e a última simplesmente dá em resposta ao que Deus fez.

Mas direi simplesmente que as evidências não confirmam isso. Encontramos muitos exemplos no mundo greco-romano de um sentido de do quia de disti . Não sou muito bom em latim.

Levei um tempo para descobrir isso. Eu dou porque você deu. E essa é essencialmente a força motriz da religião tanto no mundo greco-romano como no mundo judaico.

Dou para reconhecer que sacrifício, que louvor, tudo o que faço religiosamente, faço isto para reconhecer os dons que vocês deram, mas também em ambos os ambientes com a consciência de que, como um destinatário grato dos seus dons, sou, portanto, um bom candidato por mais presentes, ao contrário da pessoa que considera seus presentes garantidos e não lhe agradece o devido. Você pode descobrir isso, você pode ver isso acontecendo tanto na literatura greco-romana quanto na judaica a esse respeito. Passando a focar mais particularmente no ethos desses relacionamentos, quero pensar com todos vocês sobre o contexto social da graça.

Agora, para mim, graça é principalmente um termo teológico. É um termo religioso. Não ouço falar de graça no mundo real.

real é a coisa errada a dizer. Só ouço isso nos seminários e nas igrejas. Mas é muito importante entendermos que Paulo e outros autores do Novo Testamento escreveram antes que graça fosse um termo religioso especializado.

Na época deles, graça era uma palavra cotidiana. Realmente pertencia a todos os contextos, a todos os lugares onde favores eram dados, recebidos e retribuídos. E Paulo e outros escritores do Novo Testamento foram a esse mundo para falar de forma significativa sobre o que Deus fez pelo mundo em Jesus Cristo.

Agora, naquele mundo, charis tem quatro significados distintos. Uma é a sensação de ser encantador ou agraciado. Digamos que eu até usei a palavra graça aí.

Mas charis pode ser usado para falar de beleza ou equilíbrio ou daquilo que, no entanto, é entendido como um dom natural, um presente dos deuses ou de Deus para a pessoa que nasceu assim. Mas principalmente, charis tem um de três significados. Primeiro, é a disposição de um patrono ou amigo de dar, de ser generoso, de ajudar alguém necessitado.

Então normalmente traduzimos charis como favor nesse contexto ou como graça. Mas é graça no sentido especial da disposição de alguém em dar. O segundo significado que charis tende a ter é o dom, aquilo que é dado a si mesmo.

Muitas vezes isso aparece no plural, presentes, mas também é usado para nomear a ajuda real ou o presente real conferido. E o terceiro significado é gratidão ou agradecimento. Frequentemente é usado com esse significado em orações e linguagem litúrgica ou nos tipos de ejaculações espontâneas que Paulo fará.

Graças a Deus pelo seu dom indescritível. A primeira palavra em grego é charis , totheo , graça a Deus, que não é graça no sentido de favor. É graça no sentido de reconhecer favor, agradecer e demonstrar gratidão.

E só para constar, o oposto de charis é acharistia , a falta de graça. E isso é usado principalmente para nomear a ingratidão, o fracasso ou a recusa em retribuir graça por graça, em retribuir favor por favor. Agora, os três sentidos unidos por esta palavra charis , o favor de quem dá, o presente em si, a retribuição de gratidão de quem recebe.

Estas já sugerem implicitamente o que muitos moralistas das culturas grega e romana afirmaram explicitamente. A graça deve ser recebida com graça. O favor deve sempre dar origem ao favor.

Se isso não acontecer, a graça terá sido abusada e o que é belo terá sido tornado feio e desonrado. Uma imagem muito comum que acompanha esse ethos no mundo antigo é a imagem das três graças. Se você fosse a praticamente qualquer museu de tamanho decente na Itália, na Grécia ou mesmo na Turquia, provavelmente encontraria alguma representação das três graças.

Os dois retratados aqui vêm da Itália, um de Pompéia e outro de uma villa em Roma, agora no Museu Capitolino, no coração de Roma. Mas você pode encontrar a mesma imagem em mosaicos e afrescos na Cirenaica, na Líbia moderna, na província romana da Cirenaica e na Ásia Menor. Fiquei surpreso ao encontrar um friso das três graças em Hierápolis, na Turquia.

Quer dizer, não encontrei como descobri. Estava em um museu. Mas então, esta é uma imagem mediterrânea onipresente.

E significa, representa esta instituição social de dar, receber e retribuir favores. E Sêneca, mais uma vez, realmente aponta para essa imagem e faz uma exegese dessa imagem, por assim dizer, no decorrer de seu livro sobre benefícios. Ele escreve que existem três graças.

E só para constar, as graças são consideradas seres divinos. Elas são filhas dos deuses. E ele escreve que existem três graças, pois há uma para conceder um benefício, uma para receber um benefício e uma terceira para devolvê-lo.

Cada faceta do ciclo ou círculo da graça é representada por uma dessas ninfas, uma dessas divindades. Ele escreve que eles dançam de mãos dadas por causa de um benefício, passando de mão em mão, mas retornando ao doador. Um presente nunca é perdido para quem o dá, se for bem recebido e bem retribuído, é essencialmente o seu objetivo.

Ele escreve que a beleza do todo, a beleza desta dança, é destruída se este curso for interrompido em algum lugar. Tem mais beleza se for mantido em sucessão ininterrupta. Então, ele está descrevendo, usando esta imagem das três graças dançando sua dança em círculo, para descrever esse ethos de reciprocidade que une as pessoas, a disposição de ajudar e de estender dádivas ou assistência, e o compromisso de valorizar dádivas e assistência, e valorizar a obrigação que o ser dotado, o ser assistido, impõe ao destinatário, o compromisso desse destinatário de de alguma forma retribuir ao doador.

Este ciclo continua então ao longo da vida, mesmo ao longo de gerações, e une as pessoas em relações de assistência mútua, apoio e cooperação que, em última análise, levam as pessoas nesta sociedade a passarem com segurança pelas suas vidas numa sociedade sem redes de segurança de outra forma. A gratidão era considerada uma obrigação sagrada, enquanto a ingratidão poderia ser considerada o equivalente ao sacrilégio. E, novamente, o fato de o ethos e a instituição serem representados por três deusas reforça isso.

Dar mal ou não devolver é, na verdade, ferir essas deusas. É violar o sagrado. E assim Sêneca poderia escrever, não retribuir a gratidão é uma vergonha, e o mundo inteiro considera isso como tal.

Ele afirma isso como outro valor essencialmente universal em seu contexto. Assim, quando pensamos no Novo Testamento, e pensamos na graça e nas maneiras pelas quais certos relacionamentos são retratados no Novo Testamento, isto se torna, creio eu, um contexto muito importante a ser considerado. Isso nos incentiva a estar atentos a diversas coisas, incluindo diversas questões exegéticas, ao lermos qualquer texto do Novo Testamento.

Temos que lembrar primeiro onde a linguagem da graça se sentiria em casa no mundo cotidiano do autor e de seu público. As pessoas que receberam Gálatas ou a carta aos Hebreus sabiam tudo sobre a graça muito antes de o autor dessas cartas associá-la à graça do Deus de Israel manifestada em Jesus Cristo. Então, qual é o contexto que molda o conhecimento e as expectativas relativas à graça no mundo cotidiano? Onde os ouvintes teriam sido repetidamente expostos a esta linguagem, fora da assembléia religiosa da eclesia cristã? Que informações e pressupostos os ouvintes trarão para ouvir um texto como Gálatas desses outros cenários? O que Paulo pode presumir que eles fornecerão ao falar sobre a graça, ao apresentá-la como uma ação impensável que deixa de lado a graça de Deus? Queremos também estar atentos à medida em que um autor do Novo Testamento pode procurar desafiar ou corrigir os pressupostos ou a experiência que os ouvintes podem trazer para a sua interpretação do texto ou para as suas interações uns com os outros, bem como a extensão do qual um autor depende e se baseia nesse ethos. Isto é, e por um lado, Paulo pode importar muito do que acabamos de discutir em termos do ethos da graça e da reciprocidade para a sua discussão sobre o nosso relacionamento com Deus e as nossas obrigações para com Deus.

Mas, ao mesmo tempo, Paulo pode procurar corrigir alguns pressupostos sobre a troca de presentes nas suas congregações. Uma forma notável de o fazer é tentar convencer os patronos ricos das suas comunidades cristãs de que não o são, comprando assim uma base de poder dentro da igreja para promover os seus interesses contra os outros cristãos ricos daquela comunidade específica. Este parece ter sido um dos principais problemas de Corinto, por exemplo.

A ideia de fornecer casa, comida e hospitalidade à assembléia cristã não significa, portanto, que acabei de fazer de toda a assembléia minha clientela. Paulo introduzirá outros conceitos como mordomia na equação para contrabalançar algumas das expectativas sociais que o cristão rico pode trazer para esse novo ambiente. Quero passar um pouco de tempo na última parte desta palestra pensando um pouco mais detalhadamente sobre o ethos do patrocínio, da amizade e da clientela.

Começando com a doação graciosa, qual é o conhecimento cultural que uma pessoa típica do primeiro século pode ter sobre dar graciosamente? É muito claro que um doador que deseja viver bem, um doador que não é apenas um investidor, como Sêneca ou Ben Sirah, falará com desdém sobre o mau doador. É essencial que um doador dê no interesse do destinatário, do beneficiário, e não com vista ao ganho do próprio doador através de algum retorno que ele possa obter dessa pessoa. Ben Sirah, em sua coleção essencialmente de provérbios, caricatura dessa maneira o doador indelicado.

Presentes de pessoas insensatas não lhe trarão lucro porque elas buscam muito em troca de pouco. Eles darão um pouco e repreenderão muito, e abrirão a boca como um pregoeiro. Eu não tenho um amigo.

Não há gratidão pelas minhas boas ações. Embora um doador não deva dar com o objetivo de receber algo em troca, não deva confiar na reciprocidade que o recebedor gracioso demonstrará, um doador também não deve desperdiçar seus benefícios com pessoas conhecidas por serem ingratas. Eles deveriam dar, antes, para pessoas virtuosas.

Olhando para aquela coleção de conselhos para Demonicus , lemos, esbanje seus favores com pessoas boas, pois uma reserva de gratidão depositada nos corações de pessoas virtuosas é um grande tesouro. Se você der seus presentes a pessoas más, sua recompensa será a mesma daqueles que alimentam cães vadios, que rosnam tanto para quem os alimenta quanto para aqueles que simplesmente passam por perto. Quem , então, é a pessoa a quem se deve dar? Deve-se dar a uma pessoa com reputação de saber ser grata.

Uma reputação de gratidão é o antigo equivalente a uma boa classificação de crédito. E há uma linha tênue aqui. Como escreve Sêneca, escolho uma pessoa como destinatária de meus presentes.

Eu escolho uma pessoa que ficará grata, e não alguém que provavelmente terá um retorno específico. E muitas vezes acontece que a pessoa grata é aquela que provavelmente não retornará, enquanto a pessoa ingrata é aquela que retornou. É ao coração que minha avaliação se dirige.

Então, o que diz Sêneca, para que a doação permaneça pura e virtuosa, quero que a pessoa valorize a dádiva, mas não estou preocupado com o que essa pessoa pode me dar em troca. Na verdade, posso entrar em um relacionamento em que a pessoa retorna, mas no coração dela não há valor no relacionamento. É apenas uma troca de mercadorias.

E, em última análise, não é disso que se trata a amizade ou o patrocínio. É tudo uma questão de formação de relacionamentos de longo prazo de busca mútua do outro. Sêneca e outros insistem, ocasionalmente, em dar também aos ingratos.

E isso imitando os deuses, que fazem com que o sol e a chuva caiam sobre os bons e os maus. Se isso soa como Jesus em Mateus 5, deveria. É um paralelo impressionante.

Pode-se encontrar tanto Jesus quanto Sêneca exortando as pessoas a doarem imitando a Deus ou aos deuses, a não permitirem que a ingratidão dos maus impeça alguém de ser generoso com todos. Os benefícios públicos, as dádivas privadas ocasionais aos ingratos na esperança de despertar a virtude, seriam parte integrante das doações nobres porque, em última análise, o objetivo não era o retorno, mas

sim fazer o bem a outrem. Ao mesmo tempo, há um espírito claro de receber bem, de receber benefícios com elegância.

Enquanto os doadores devem pensar apenas no destinatário, os destinatários devem pensar na sua dívida para com o doador. Sêneca escreve no mesmo livro sobre os benefícios que quem pretende ser grato, mesmo enquanto o recebe, deve voltar seu pensamento para retribuir o favor. Quase todas as discussões sobre a virtude da justiça no mundo antigo incluem algumas discussões sobre honrar os benfeitores e mostrar a devida gratidão pelos favores recebidos.

Temos que lembrar aqui a imagem da dança da graça, a imagem das três deusas dançando em círculo, e o fato de que a falta de demonstração de gratidão pisa nos dedos do pé do seu parceiro de dança e estraga a dança. É claro que não existem sanções formais no mundo antigo para impor a gratidão. A troca contínua deve ser voluntária para ser graça.

Agora, e a gratidão? A gratidão pode assumir uma variedade de expressões. Muitas vezes, enquadrava-se em uma ou mais de três categorias, sendo a primeira honrar o benfeitor através do próprio comportamento para com esse benfeitor e através do testemunho de alguém. Sêneca exorta os destinatários a mostrarem o quanto somos gratos pela bênção que nos foi recebida, expressando nossos sentimentos e a darmos testemunho deles não apenas aos ouvidos de quem doa, mas em todos os lugares.

Isso acontece no caso de manufaturas públicas sob a forma de inscrições, que darão testemunho pétreo para sempre da generosidade de um benfeitor, ou de estátuas erguidas no caso de presentes ainda mais valiosos, ou de homenagear um benfeitor em um evento público e similares. . Esta é, aliás, uma motivação frequente para honrar a Deus no discurso, para prestar testemunho ou para proferir um salmo de ação de graças e louvor. Pode-se encontrar no livro apócrifo Tobias, por exemplo, o anjo Rafael exortando aqueles que Deus salvou recentemente do desastre a bendizerem a Deus e reconhecê-lo na presença de todos os seres vivos pelas coisas boas que ele fez por vocês.

Com a devida honra, declare a todas as pessoas os feitos de Deus. Não demore em reconhecê-lo. Revele as obras de Deus e, com a devida honra, reconheça-o.

A homenagem foi um componente importante de uma retribuição de gratidão. O mesmo aconteceu com o serviço ou alguma outra retribuição pelo presente em si. Sêneca escreve que a disposição generosa de quem dá é recompensada quando a recebemos com gratidão.

A outra parte do favor, que consiste em algo material, ainda não reembolsamos, mas ainda esperamos fazê-lo. A dívida de ágio, de disposição favorável para disposição

favorável, foi quitada por meio de devolução de ágio. A dívida material exige um retorno material.

Aqui, temos que entender o material de forma bastante ampla, como qualquer tipo de assistência ou serviço no mundo real ou no mundo físico. E, portanto, não posso retribuir ao imperador por um presente em nenhum meio material, mas posso retribuir ao imperador cumprindo as ordens do imperador quando ele precisa que algo seja feito, ou cumprindo bastante as ordens do governador quando ele precisa que algo seja feito, e oferecendo esse serviço gratuitamente como parte do meu retorno. Você provavelmente já pode intuir a conexão disso com Deus.

Não posso retribuir nada a Deus, mas posso dar a Deus o que posso fazer, uma vida inteira de atos de obediência e serviço como expressão de gratidão pelo que Deus me deu. E um terceiro componente de uma resposta de gratidão é a lealdade ao benfeitor. Como mencionei anteriormente, os clientes frequentemente competiam entre si e, portanto, a lealdade à pessoa que me mostrou um favor no passado é uma expressão muito importante de gratidão e conexão.

Não posso simplesmente ser uma pessoa nobre e ir para a festa quem parece estar ganhando. Devo apoiar a pessoa que, no passado, esteve ao meu lado, dando-me assistência e ajuda. Sêneca escreve que esta lealdade deve ser colocada acima de quaisquer considerações de vantagem pessoal.

Ele escreve que é a pessoa ingrata que pensa que eu gostaria de ter retribuído a gratidão, mas temo o gasto. Temo o perigo. Evito ofender outras pessoas com quem meu patrono não é favorecido.

Prefiro consultar meus próprios interesses. Numa carta de Sêneca, ele escreve que ninguém pode ser verdadeiramente grato a menos que tenha aprendido a desprezar as coisas que levam o rebanho comum à distração. Se você deseja retribuir o favor, deve estar disposto a ir para o exílio, derramar seu sangue, passar pela pobreza ou até mesmo deixar sua própria inocência ser manchada e exposta a calúnias vergonhosas.

Ou seja, você deve colocar sua conexão com seu patrono acima de todas as outras considerações. E se ele ou ela passou por momentos difíceis, você deve aceitar o fato de que esses tempos difíceis cairão sobre você também por causa de sua conexão com ela, em vez de romper essa conexão para obter vantagem pessoal. Ouvimos muitas coisas ruins sobre Herodes, o Grande, porque, em geral, ele era um idiota.

Mas ele sabia como ser um cliente fiel. Na juventude, antes de enlouquecer completamente, ele era um cliente fiel de Marco Antônio. E por muito tempo isso funcionou muito bem para ele, até que Antônio se viu em uma guerra civil contra

Otaviano, que se tornaria o imperador Augusto e todas as legiões de Roma que não estavam estacionadas no Egito com Antônio.

E, claro, sabemos que Antônio perdeu miseravelmente em 31 AC. Então, o que Herodes fará agora que seu patrono morreu em desgraça? Herodes chega diante do próprio Augusto, do próprio Otaviano, e diz: Não vou mentir para você. Não vou tentar minimizar minha ligação com Antônio.

Ele era meu patrono e meu amigo. E mostrei lealdade e apoio a ele até o fim. E não me arrependo disso.

Mas o que eu ofereceria a você agora, Augusto, agora Otaviano, é o fato de saber ser um cliente e amigo fiel. Estou chegando lá. Essa é a única coisa boa que posso dizer sobre Herodes.

Mas ele sabia disso. Já falamos muito sobre a palavra graça em termos deste contexto social. Quero apenas dizer rapidamente que a palavra fé também tem um lugar natural no contexto destas relações.

Não é tão exclusivo quanto a palavra charis , como a palavra grega charis faz em termos desta instituição social, mas um local de destaque para falar sobre fé e seu oposto é nas relações patrono-cliente ou de amizade. Pistis, palavra grega que comumente traduzimos como fé ou confiança, é usada para falar sobre a confiança na confiabilidade de um patrono ou na confiabilidade de um amigo em dar o que foi prometido. E também é usado para falar sobre a confiabilidade do cliente, sua confiabilidade para manter a fé, para manter a fé com um determinado patrono ou amigo.

O oposto de pistis é a apistia , comumente desconfiança ou deslealdade. Portanto , achamos que é usado para falar sobre a falta de confiança na confiabilidade de um patrono, de um amigo ou mesmo de um cliente. Ou como manifestação de deslealdade, infidelidade a esta relação.

Tudo isso para dizer que, à medida que lemos o Novo Testamento, nem sempre é o caso, mas muitas vezes acontece que as palavras fé, fidelidade, desconfiança e deslealdade acontecem no contexto de relacionamentos de graça, de relacionamentos patrono-cliente com o patrono muitas vezes é Deus ou Jesus e o cliente é o discípulo humano. Para encerrar esta palestra, quero analisar um episódio da vida de Jesus que nos mostra o patrocínio, a corretagem e a clientela no trabalho em um cenário da vida real do Evangelho. Isto vem de Lucas capítulo 7. Depois que Jesus terminou de apresentar todas as suas palavras ao povo, ele entrou em Cafarnaum.

Um centurião tinha um servo que era muito importante para ele, mas o servo estava doente e prestes a morrer. Quando o centurião ouviu falar de Jesus, enviou alguns anciãos judeus até Jesus para pedir-lhe que fosse curar seu servo. Quando eles foram até Jesus, eles imploraram sinceramente a Jesus.

Ele merece que você faça isso por ele, disseram. Ele ama nosso povo e construiu nossa sinagoga para nós. Jesus foi com eles.

Já estava quase chegando em casa quando o centurião mandou amigos dizerem a Jesus: Senhor, não se incomode. Eu não mereço que você fique sob meu teto. Na verdade, nem me considere digno de ir até você.

Basta dizer uma palavra e meu servo será curado. Também sou um homem nomeado sob autoridade, com soldados sob meu comando. Eu digo para um, vá, e ele vai, e para outro, venha, e ele vem.

Eu digo ao meu servo: faça isso, e o servo faz. Quando Jesus ouviu essas palavras, ficou impressionado com o centurião. Ele se virou para a multidão que o seguia e disse: Eu lhes digo, mesmo em Israel não encontrei uma fé como esta.

Quando os amigos do centurião voltaram para sua casa, encontraram o servo com a saúde recuperada. Agora, vamos apenas dar uma olhada em algumas das dinâmicas em ação nesta história. Um centurião, um romano, um forasteiro e um homem que parece saber que faz parte da classe opressora da Judéia, da Galiléia, na verdade, neste caso, precisa de algo.

Ele precisa de algo que as pessoas comuns não podem fornecer, que seus próprios médicos pagos não podem fornecer. Ele precisa de cura para um empregado doméstico que é um membro querido e confiável de sua família há muito tempo e a quem o centurião se preocupa profundamente. Jesus tem a reputação de ter algo: o poder de curar.

Neste ponto da narrativa de Lucas, ele já é famoso por ser capaz de exorcizar demônios, curar os enfermos e realizar todo tipo de maravilhas divinas. O centurião quer o que Jesus pode dar e pensa em como conseguir isso. Então, ele não vai porque é um opressor romano.

Ele não sabe como será recebido como tal, mas tem pessoas que, para ser um pouco grosseiro, lhe devem alguma coisa. Os anciãos de Cafarnaum desfrutaram do patrocínio. Na verdade, toda a comunidade judaica de Cafarnaum gozou do patrocínio do centurião romano que vive no meio deles, desejando ser, você sabe, não o romano feio, mas o bom romano.

Ele prodigalizou recursos para a comunidade de Cafarnaum, aparentemente tendo construído uma sinagoga para eles. A propósito, a sinagoga do primeiro século, e não a fundação da sinagoga do primeiro século, ainda pode ser vista em Cafarnaum até hoje. É muito legal ver isso embaixo da sinagoga de calcário do século IV e pensar que talvez esse centurião tenha lançado essa base.

Então, ele envia aqueles a quem beneficiou, e os mais velhos da comunidade judaica provavelmente ficam muito felizes por finalmente terem a oportunidade de realmente fazer algo de bom para seu patrono local em troca do bem que ele lhes fez. Então, eles vão até Jesus e estão vendendo a virtude do centurião com todas as suas forças. Ele é digno de que você faça isso por ele.

Ele construiu para nós uma sinagoga. Ele ama nosso povo. Ele é um digno destinatário de favor.

Ele não é o típico romano. Então, eles atuam como mediadores, como intermediários, aproximando-se de alguém que possam abordar, um membro do seu próprio povo, um membro do povo judeu, em nome de alguém que precisa de alguma coisa. E fazem isso porque eles próprios sabem que recebem o favor do centurião.

E, portanto, estou em dívida com ele por sua generosidade. Agora, isso já é uma ótima ilustração dessa dinâmica em ação. Jesus concorda em ir.

Jesus está persuadido. E ao longo do caminho, o centurião faz algo ainda mais surpreendente. Ele envia outro grupo de pessoas até Jesus, que mais tarde são chamados, aliás, de seus amigos.

Então, pessoas, parte de sua família, parte de sua extensa clientela. Ele manda esses amigos dizerem: pare onde você está. Eu não mereço que você fique sob meu teto.

Mas sei que você tem autoridade para fazer isso e tudo o que precisa fazer é dizer a palavra. Portanto, tudo isso, eu entendo autoridade. Eu sei o que é dizer a alguém, faça isso, e ele faz.

E sei que você tem esse tipo de autoridade quando se trata de favores divinos. E esse é um exemplo surpreendente de confiança, de pistis, aquela palavra de que falávamos. Eu sei que você pode conseguir esse favor.

Não tenho dúvidas. Você é totalmente confiável. E Jesus reconhece que é precisamente isso que o centurião diz.

Ele diz, uau, esse tipo de confiança, esse tipo de confiança na minha confiabilidade, não encontrei em Israel, mas encontro aqui. E ele concede o favor a este centurião. Então, na história, vemos muitas das dinâmicas em ação.

Mediação, reciprocidade, os mais velhos estão tentando fazer o que podem para retribuir a este oficial romano incrivelmente generoso, e a fé também está em ação. Em nossa próxima palestra, tentaremos olhar para um texto, a carta aos Hebreus, através desta lente e ver o quanto esse contexto cultural pode iluminar uma carta do Novo Testamento.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 3, Mecenato e Reciprocidade.